

AÇÕES QUE AS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS PODERÃO IMPLEMENTAR PARA VIABILIZAR A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DAS PANELEIRAS E ARTESÃOS DE GOIABEIRAS

“Ampliação do espaço para a produção das nossas panelas de barro, para o acolhimento aos turistas, docentes e discentes para que possam vivenciar com aconchego oficinas de modelagem de panelas de barro, bem como viabilização de um espaço para estacionamento de ônibus e vans.”

— Rejane Correa Loureiro (53 anos)

“As instituições públicas deveriam aproximar o espaço escolar do território das paneleiras (galpão e quintais) através de oficinas de modelagem de panelas de barro contratando paneleiras e artesãos para compartilharem os saberes e fazeres do nosso ofício.”

— Juci Leida Barboza (61)

“Instalação de um portal na Avenida Fernando Ferrari para divulgação do local em que está territorializado o galpão das paneleiras de Goiabeiras.”

— Carlos Barbosa dos Santos (66)

“Desenvolvimento de ações por parte dos governos para que as paneleiras e artesãos do galpão e dos quintais realizem mais oficinas nas escolas e no galpão com mais frequência durante todo o ano letivo.”

— Greicy Kely Santa Clara do Nascimento (44)

PRINCIPAIS MATERIAIS UTILIZADOS NA FEITURA DAS PANELAS DE BARRO DE GOIABEIRAS

“O barro que vem do Vale do Mulembá, a tinta (tanino) que é extraída da casca da árvore mangue vermelho que brota no nosso manguezal e a muxinga, planta com a qual fazemos as nossas vassourinhas para açoitar a tinta (tanino) nas nossas panelas de barro no momento da queima para elas ficarem pretas e impermeabilizadas. Atualmente, eu sou o grande tirador de barro para as paneleiras de Goiabeiras. Gosto muito de estar no barreiro, no Vale do Mulembá. Lá me sinto em paz, dentro da natureza. Lá fico com os meus pés mergulhados na água do barro que lavro, rodeado por árvores e pássaros!”

— Ronaldo Alves Correa (65)

“Quem são elas que sabem modelar, o barro que vem do Vale do Mulembá, ôh? São as paneleiras, sim senhor, mulheres guerreiras, nossas griôs! Que sabem fazer com muita emoção, frigideiras, assadeiras e caldeirão.”

— Jamilda Bento (63)



Dezz/2025

Gráfica Globalcards

Não jogue este impresso em vias públicas.

Para aprender mais do saber-fazer ancestral das paneleiras e artesãos de Goiabeiras, acesse:

paneleirasdegoiabeiras.org.br



Associação das Paneleiras de Goiabeiras
Rua das Paneleiras, 55 | Goiabeiras
Vitória - ES | Brasil | Cep 29.075-100

PARCERIA:

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE GOIABEIRAS
ASSOCIAÇÃO DAS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS

REALIZAÇÃO:

FUNCULTURA | PREFEITURA DE VITÓRIA | PRESENTE ASSOCIATIVO ALDIR BLANC | MINISTÉRIO DA CULTURA | GOVERNO FEDERAL DO BRASIL



Semeando Saberes e Fazeres das Paneleiras de Goiabeiras

O ofício das paneleiras de Goiabeiras, em Vitória-ES, foi o primeiro patrimônio cultural imaterial registrado pelo Estado Brasileiro através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 2002. Ressalta-se, no entanto, que foi o próprio coletivo de paneleiras, juntamente com a comunidade de Goiabeiras de outrora, que primeiro reconheceu a importância desse modo singular de produzir a nossa existência.



TERRITÓRIO EM QUE O OFÍCIO DE PANELEIRA BROTOU EM VITÓRIA - ES

“Olha, eu nasci em 1939 e já naquela época as minhas avós e até uma bisavó diziam que aprenderam nos quintais de suas mães o ofício de paneleira. Aqui era tudo mato, até boi tinha ali no Campo do Clube 3 de Maio. Aliás, a gente nem chamava de quintal, e sim de terreiro, o lugar de fazer as nossas panelas de barro e também de brincar.”

— Jenette Alves Rodrigues (86 anos)

“Quando eu era criança e até adolescente, o nosso ofício de paneleira reinava somente nos quintais. Nós crianças já nascímos no meio do barro, mamando no peito enquanto a nossa mãe continuava a feitura da panela de barro, igual aquela escultura que João Farias fez para você, Jamilda. Algumas famílias iam ao barreiro para tirar o barro, mas o meu pai, Eudóxio Alves Correa, foi o grande tirador de barro aqui dentro de Goiabeiras e foi lá que ele faleceu, infelizmente, mas ao mesmo tempo ele se despediu da vida num lugar que ele gostava muito de estar: no barreiro, no Vale do Mulembá!”

— Berenícia Correa Nascimento (68 anos)



O APRENDIZADO DO OFÍCIO DE PANELEIRA DE GOIABEIRAS

“Aprendi com minha mãe — Deoclecina de Jesus — e com a minha avó Romancina Rita Alves (vivas em nossas memórias). Comecei com 7 ou 8 anos. A gente começava a fazer uns caquinhos todos tortinhos, puxava eles e minha mãe dava acabamento neles. Aí fui aprendendo assim. Hoje já ensinei para as minhas filhas. Este ofício é assim: passamos de mãe para filha. Mas, se alguém que não nasceu aqui na nossa terra tiver interesse, também aprende.”

— Cecília de Jesus Santos (70 anos)



“Ser paneleira para mim é uma tradição que vem e começou com a minha mãe, através da vovó — a mãe da minha mãe. Este ofício que tenho hoje eu agradeço a elas de terem me ensinado a fazer a panela de barro. É um aprendizado que vou levar para aquelas crianças ou jovens que querem aprender este ofício de ser paneleira de Goiabeiras, com muito orgulho e amor. Obrigada mãe e obrigada vovó.”

— Jaqueline Gomes Campos (59 anos)

“Aprendi o ofício aos 8 anos com a minha saudosa avó Laurinda Lucidato e com minhas tias. Vovó Laurinda também foi uma grande parteira e benzedeira aqui em Goiabeiras. Muito orgulho em fazer parte desta cultura!”

— Tania Maria Lucidato Medina (62 anos)

O QUE SIGNIFICA SER PANELEIRA DE GOIABEIRAS

“É me sentir em movimento. Aqui a gente convive, ri, sabe das novidades. Recebemos pessoas de todo o canto do Brasil aqui no nosso galpão das paneleiras. Isso também faz a gente viver mais, estar em movimento.”

— Lucy Barbosa Salles (82 anos)

“É muito importante porque aprendi com a minha mãe. É pra mim um elo de geração que herdei da minha mãe!”

— Evanilda Correa Fernandes (62 anos)

“É fazer parte de uma cultura ancestral afro-indígena que nos possibilita mostrar pro mundo a nossa arte.”

— Jecilene Correa Fernandes (55 anos)



“Sou paneleira há 43 anos e aprendi o ofício com a minha mãe. Eu sou nascida e criada no bairro Goiabeiras. Hoje Deus levou a minha mãe. Hoje eu tenho muito orgulho de ser paneleira do bairro de Goiabeiras, porque foi com a minha mãe que eu aprendi. Sou paneleira com muito orgulho.”

— Jucilea Barboza (53 anos)

“Ser paneleira é uma referência cultural. Gostar de fazer a panela de barro é gratificante. É o saber, é uma profissão. É o dom que Deus me deu. Eu gosto muito, entendeu?”

— Luciete Lucidato da Vitória (55 anos)

“Faço panelas desde 20 anos. Pra mim é uma experiência incrível. Mesmo não sendo da geração de paneleiras, casei com o pai dos meus filhos que era da geração de vó Dudé e aos poucos fui tendo experiência, praticando, dando forma às peças. Hoje, aos 31 anos de muita prática, amo muito produzir peças com o barro e sou realizada em tudo aquilo que almejo alcançar.”

— Lucinéia de Jesus da Silva (51 anos)

“Para mim é um legado lindo que minha mãe me deixou. Uma das melhores conquistas!”

— Rosineia Alvarenga de Siqueira (62 anos)

“Sou filha, neta, bisneta e tataraneta de paneleiras. Amo o que faço porque sou uma herança viva daquelas que por aqui passaram e deixaram esse legado para nós. Sou paneleira com muito orgulho, isso ninguém tira de mim, ninguém tira de nós!”

— Valdinea da Vitória Lucidato (62 anos)

